



Domingos Pellegrini e Victor Giudice: interseções, subjetividade e condição humana¹

Rayniere Sousa (UFPA)²
(rayniere.alvarenga@gmail.com)

Resumo: Pensar a condição humana e investigar os seus desvelamentos tornou-se uma atividade imprescindível. A partir de contos selecionados, pretendo analisar as categorias que epistemologicamente oportunizam movimentações literárias acerca da subjetividade e da coletividade. Ganham destaque a estética, portanto o efeito, voltado para o fluxo de consciência como medida de estabelecimento de uma noção externa. Por essas razões, questões como a alteridade, o devassamento do “eu”, a memória (seja coletiva ou individual) e as crises humanas estão sob enfoque. Sobretudo, quando me debruço sobre os contos *O arquivo* ([1972] 2001), de Victor Giudice e *A maior ponte do Mundo* ([1977] 2001), de Domingos Pellegrini, para analisar as manifestações da subjetividade e da memória nessas narrativas. Para isso, esse estudo está embasado em Hannah Arendt ([1958] 2007), em Antonio Candido (1987) e em Silviano Santiago (2000) para fundamentar o pensamento construído. Assim, justifico, portanto, a ideia de uma relação de dependência impressa pelo sistema econômico pautado na exploração: comento sobre o capitalismo. Seja por intermédio de uma alegoria ou da realidade espelhada, essa noção está presente nos contos. Com isso, contextualizo uma leitura analítica, de modo preliminar, desses textos literários. Ressalto que nesse momento percebo no desvelamento da condição humana, por intermédio do viés estético, sobretudo o literário que caracteriza o cerne desse exame, uma possibilidade de instauração de um processo analítico em torno dos pormenores da existência daquilo que podemos considerar o humano.

Palavras-chave: Condição humana; subjetividade; memória; Victor Giudice; Domingos Pellegrini.

Abstract: Thinking about the human condition and investigate its disclosures has become an essential activity. Based on selected short stories, I intend to analyze the categories that epistemologically enable literary movements about subjectivity and collectivity. For these reasons, issues such as otherness, the launch of inquire of “the self”, memory (be it collective or individual), and human crises are under focus. Particularly, when I turn to the short stories

¹ O estudo aqui apresentado conta com as contribuições do Prof. Dr. Augusto Sarmiento-Pantoja, orientador no mestrado acadêmico e, também, supervisor do Estágio em Docência na disciplina “Literatura Brasileira Contemporânea II”, na Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Abaetetuba. Momento das primeiras leituras de muitos autores, nos quais destaco Domingos Pellegrini e Victor Giudice.

² Mestrando em Linguística e Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz (FACIBRA). Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA).



O arquivo ([1972] 2001), by Victor Giudice and *A maior ponte do Mundo* ([1977] 2001) by Domingos Pellegrini, to analyze the manifestations of subjectivity and memory in these narratives. To do so, this study is based on Hannah Arendt ([1958] 2007), Antonio Candido (1987), and Silviano Santiago (2000) to ground the constructed thought. Thus, I justify the idea of a dependency relationship imprinted by the economic system based on exploitation: I comment on capitalism. Whether through an allegory or the mirrored reality, this notion is present in the short stories. With this, I contextualize an analytical reading, in a preliminary way, of these literary texts. I emphasize that at this point I perceive in the unveiling of the human condition, through the aesthetic bias, especially the literary one that characterizes the core of this examination, a possibility of establishing an analytical process around the details of the existence of what we can consider the human.

Keywords: Human condition; subjectivity; memory; Victor Giudice; Domingos Pellegrini.

Introdução

Após eventos de grande magnitude histórica, os seres humanos necessitam de determinado tempo para estabelecer uma fase muito conhecida e investigada por meio do viés psicanalítico: a assimilação dos traumas. O presente estudo não procura enveredar por esse âmbito traumático na existência humana, mas acredito que a noção de assimilação movimentada nesses processos seja válida. A partir das leituras de *O arquivo*, de Victor Giudice (1934-1997), e de *A maior ponte do mundo*, de Domingos Pellegrini, pretendo examinar as questões relativas às categorias que epistemologicamente oportunizam movimentações literárias acerca da subjetividade e da coletividade.

Em um caráter preliminar, creio que seja possível a associação dos contos por intermédio das temáticas presentes no enredo das narrativas. Pontuo a exploração do trabalho e as condições desses exercícios como um dos principais motivos literários presentes nos textos ficcionais selecionados como objeto dessa pesquisa. O tornar-se humano está embasado no trabalho como um movimento ambíguo. Afinal, ele caracteriza os seres e os diferencia das demais espécies, mas delega um duro fardo de sobrecarga quando é necessário trabalhar para sobreviver numa sociedade capitalista. A ideia de inserção no todo conglomerado humano que entendemos como sociedade se dá por intermédio desse instrumento.

Para isso, as sucessivas leituras e os devidos pontos argumentativos de autores como Hannah Arendt ([1958] 2007), Antonio Candido (1987) e Silviano Santiago (2000)



constituem o percurso de alcance de substância teórica do presente argumento. Por essa razão, selecionei como ponto de partida um breve mapeamento das proposições dos autores mencionados para, em seguida, realizar uma leitura dos contos com apoio nos textos constituintes da fortuna crítica dos escritores. Notifico que essa fortuna crítica está em fase de pleno desenvolvimento. Assim, surgem as referências aos trabalhos de Regina Delcastagné (2002) e de Acácio Luiz Santos (2008).

Uma incursão sobre as vicissitudes da condição humana

Antes de iniciar os diálogos em torno dos textos literários propriamente ditos, gostaria de percorrer as incursões teóricas que corroboram a imprescindibilidade do caminho selecionado para a presente leitura. Nesse caso, a filósofa alemã Hannah Arendt figura entre ([1958] 2007) os principais autores de argumentos capazes de provocar reflexões sobre a existência humana e a sua condição. Ao tomar por empréstimo esse termo, acredito que a visão da autora acerca do trabalho em seu estudo intitulado *A condição humana* pode evidenciar um ponto de partida válido. Sobretudo, porque, para ela:

O trabalho é a atividade que corresponde ao artificialismo da existência humana, existência esta não, necessariamente contida no eterno ciclo vital da espécie, e cuja mortalidade não é compensada por este último. O trabalho produz um mundo <<artificial>> de coisas nitidamente diferentes de qualquer ambiente natural. Dentro de suas fronteiras habita cada vida individual, embora esse mundo se destine a sobreviver e a transcender todas as vidas individuais. A condição humana do trabalho é a mundanidade. (ARENDR, 2007, p. 15-16).

A partir da concepção de Arendt (2007), acredito que a questão da condição humana possa ser pensada nos dois contos selecionados como objeto dessa pesquisa. Posteriormente, voltarei ao conceito abordado por ela para fundamentar os levantamentos realizados em torno dos contos, mas em continuidade apresento a visão de Arendt (2007) sob o pretexto de compreender a contribuição da autora para as formulações em torno do estudo da condição humana.



Esse valor dado ao trabalho, segundo Arendt (2007), torna a existência “superficial”, por conta que consiste nas especificidades do entorno humano. A autora alerta, por exemplo, sobre os perigos de uma interpretação equivocada: por isso é explícita a sua opinião no que tange aos condicionamentos do trabalho como um requisito para o “tornar-se humano”. Em continuidade, percebo que o trabalho e suas vicissitudes indicam fatos para o pensamento, ou a tentativa, que faço nesse breve mapeamento. Recorro mais uma vez ao texto para justificar meus posicionamentos. Sobretudo, quando Arendt (2007) afirma que:

A mais clara indicação de que a sociedade constitui a organização pública de um processo vital talvez seja encontrada no fato de que, em tempo relativamente curto, a nova esfera social transformou todas as comunidades modernas em sociedades de operários e de assalariados; em outras palavras, essas comunidades concentraram-se imediatamente em torno da única atividade necessária para manter a vida – o labor. (ARENDR, 2007, p. 56).

Nesse sentido, depreendo que essa movimentação teórica possibilita interseção entre a visão de Arendt (2007) e o conceito de subdesenvolvimento trazido à luz das discussões de Antonio Candido (1989) e de Silvano Santiago (2000). Candido (1989) lança a ideia de “cordão umbilical” ao pensar a situação do subdesenvolvimento na literatura. Para ele, há elementos nas culturas dos povos colonizados, como caso do Brasil, tomadas como referência ou influência. Essa relação é circunscrita pelas questões de poder. O que me impulsiona, por exemplo, a pensar sobre a condição humana a partir dos moldes da subjetividade e de suas configurações.

Em minha leitura, suponho a existência de um contraponto entre os autores. Diante das redes de interação, marcadas pelo autoritarismo, Candido (1989), como exposto anteriormente, aponta uma espécie de adaptação de determinados temas literários às mais diferentes realidades. Ele ainda defende a ausência de desenvolvimento de um protocolo ou de uma repetição. Por sua vez, Santiago (2000) aborda esse tema sob a máxima de um apagamento ou de um silenciamento cultural. Afinal, ele circunscreve aquilo que em seu texto é tratado como “eliminação do pluralismo”. Segundo ele, há a instauração de uma série de cópias, sob a alcunha de demarcação da influência dos povos subalternizados pelo processo colonialista.



Reconheço que a revisita aos escritos dos autores mencionados remonta ao quadro social originado mediante o círculo de exploração, seja ele movido pela força de trabalho num molde mais contemporâneo, ou por conta da subjugação de culturas. Advém desse pensamento a noção do subdesenvolvimento que está impressa numa leitura (não inovadora e até mesmo indicativa dos pares antitéticos) que pressupõe a existência de uma parte da população com qualificações necessárias para ocupar uma posição superior.

Cada um dos intelectuais citados nesse breve panorama teórico comprova minha interpretação por intermédio de uma tendência crítica. Arendt (2010), como dito, envereda sua leitura exploratória lançando a ideia do trabalho como um instrumento de movimentação humana; o que acredito estar explícito na relação de trabalho capitalista: o ser humano necessita dessa ferramenta para estabelecer a sua condição como humano; por sua vez, Candido (1989) concebe uma ligação entre os envolvidos, nesse processo marcado pela postura autoritária, como uma alternativa fundamental para que seja lançada uma perspectiva sobre o resultado dessas relações; sem contar que isso também está no escopo das discussões de Santiago (2000), pela percepção da degradação das interações humanas como uma espécie de reforço das relações de poder tão visualizadas nos pares colonizador/colonizado.

Levantamentos críticos sobre a ficção de Domingos Pellegrini e Victor Giudice

Nesses moldes, ao aproximar os contos para uma análise, percebo alguns pontos comuns, como tento evidenciar até o presente momento. Menciono: as questões humanas, trabalho, segregação social e racial e disparidades originadas mediante a instauração da relação colonizador/colonizado, estando essas problemáticas dispostas em experiências únicas que são deflagradas no leitor, tal como a inquietação de lampejos alegóricos nos textos a serem analisados.

Sobre isso, as notas introdutórias das seções do livro *Os cem melhores contos brasileiros do século*, organizado por Italo Moriconi, apresentam uma espécie de panorama daquilo que se cristaliza nos contos de Domingos Pellegrini e de Victor Giudice, referenciados nessa seção pela delimitação de temas tratados nos textos. Essa publicação foi responsável por compilar (por mais problemática que seja a sua titulação, por reforçar



estruturas de poder, inclusive no levantamento do valor de obras literárias), contos de diferentes décadas e autores da Literatura Brasileira. O que pode funcionar como um convite ao leitor que não conhece alguns nomes que figuram nessa lista de obras. Sobre isso, as impressões do organizador desse volume despertam interesse e podem fornecer algumas proposições auxiliares nessa leitura, como se percebe no seguinte trecho:

Os anos 70 marcam um momento de apogeu do conto no Brasil, depois do salto de qualidade na década anterior. Intensificam-se ímpetos revolucionários e dilaceramentos pessoais, agora num contexto de violência política e social até então inédito no país. O conto afirma-se como instrumento adequado para expressar artisticamente o ritmo nervoso e convulsivo desta década passional. (MORICONI, 2009, p. 254).

Seja pela manifestação de um quadro de exploração da força de trabalho, o que inclui a coação e a ameaça da integridade física e psicológica dos funcionários, como acompanhado em *A maior ponte do mundo*, seja pela experiência absurda de um quadro de desvalorização profissional, no caso do enredo de *O arquivo*, parto do pressuposto de que as vivências humanas ficcionalizadas por ambos os contos remontam ao clima de violência política e social antepostos pela referência às palavras de Moriconi (2009).

Esse ponto me remete ao trabalho realizado por Regina Delcastagné (2002). Nessa discussão, a pesquisadora remete ao pensamento de Roland Barthes (1915-1980) para lançar aos seus leitores uma indagação acerca do papel ocupado pelo escritor que desempenha atividades literárias. Estenderia isso ao trabalho do intelectual voltado ao pensamento humano. Nesse discurso, noto a recorrência, evidenciada pela própria autora, das temáticas pertinentes aos sujeitos marginalizados: tanto das relações sociais, quanto do espaço literário. Inclusive, o cerne da questão, segundo Delcastagné (2002), não se restringe ao âmbito estético, mas pode provocar um espaço de diálogo em torno dessas problemáticas.

Nesse contexto, emerge o primeiro conto a ser analisado, *A maior ponte do mundo*. Esse texto assinado por Victor Giudice traz à tona a construção da ponte que liga as cidades Rio de Janeiro e Niterói, no estado do Rio de Janeiro. O que me instiga a pensar acerca da magnitude de tantos monumentos visitados e inclusive admirados por conta de sua beleza ou imponência. Até que ponto essas impressões positivas são mantidas? Afinal, não costumamos



questionar a quantidade de força humana empenhada na efetivação dessa categoria de projetos arquitetônicos.

Direciono a análise para essa ótica porque os personagens no primeiro plano narrativo recebem referências que remetem as suas funções. Esse ponto desperta o interesse, por exemplo, naquilo que pode ser comentado como um processo de desumanização. Questão semelhante ao segundo conto que receberá enfoque em seguida. Mediante a leitura de trechos das narrativas podem ser vislumbrados os tópicos aqui abordados. A ausência de nomes próprios é esclarecida com o intuito de normalizar a ausência de traços próprios nos seres humanos retratados, como na passagem a seguir:

Então, a gente ali se arrumando, faltando meia hora pra janta, entra um cara de macacão amarelo, perguntou se eu era eu e se 50 Volts era ele mesmo. Depois perguntou dos outros eletricitas, 50 Volts falou que não tinha filho grande. O cara não se conformou e perguntou se, antes de sair, não tinham falado aonde iam; 50 Volts repicou que eles saíam sem tomar a bênção, aí o cara ficou olhando, olhando, e falou tá certo, negão, tá certo, vou arrumar um jegue pra você gozar. 50 Volts foi repicar de novo mas o cara falou que, quanto mais cedo encontrasse os outros, mais cedo a gente partia. (PELLEGRINI, 2009, p. 334).

O homem aqui é visto como um mero construtor, apenas como um trabalhador ou ainda como uma força de trabalho, exclusivamente disponível para ser utilizada. Não há uma humanização desses seres, pelo contrário, os encarregados da construtora reconhecem que há necessidades vitais, como pude perceber na menção aos desejos sexuais dos funcionários, quando um deles estabeleceu a ausência de um gesto muito comum na cultura dos antepassados, o ato de mostrar respeito aos parentes e aos mais velhos: aludido com o gesto de pedir a bênção. Além disso, é salientada uma espécie de correria, o leitor experiência isso quando o personagem 50 Volts, eletricitista contratado pela construtora, teme uma congestão devido o alto volume de alimentos ingeridos numa churrascaria seguida de uma passagem por um bordel, sobretudo porque:

ali a uma hora pararam numa churrascaria, cada um desceu como pôde, alguns já de pé redondo, e os homens já foram avisando: — Podem comer à vontade que é por conta. A gente sentou e começou a desabar uma chuva de espeto na mesa — de costela, de cupim, galeto, lombo, linguíça, maminha,



alcatra, fraldinha, picanha, até que enjoiei de comer. Lembrei de perguntar que diabo de ponte era aquela que a gente ia iluminar, mas o assunto geral era mulher e tornamos a embarcar bebendo cerveja com conhaque, naquele assanhamento de quem vai amassar saia e esticar sutiã, e não rodou cem metros a caminhoneta parou, 50 Volts falou Deus me proteja duma congestão. (PELLEGRINI, 2009, p. 335).

Essa busca pela satisfação dos funcionários, fornecido por meio da oportunidade de alimentação numa churrascaria bem servida de vários cortes de carnes, seguida pela exploração dos prazeres sexuais, é levada pelo tom apressado, como percebido. Reconheço, por exemplo, um interesse dessa construtora em fornecer subsídios para que os funcionários pudessem ter acesso a tais questões para, por fim, efetivarem sua função sem a desculpa de não terem recebido tratamento adequado. Isso encontra subsídio na leitura de Delcastagné (2002) que defende a presença do fomento à violência e o uso de poder para explorar os funcionários. Para ela, “nem a narração em primeira pessoa confere a eles existência própria. É que não são indivíduos, mas uma categoria [...]” (DELCASTAGNÉ, 2002, p. 52). Em continuidade, a autora sistematiza uma visão desses personagens. Afinal, segundo ela:

A categoria “trabalhador” (ou “suburbano”, “marginal”, “malandro”, conforme o caso) pretende condensar numa só abstração um conjunto de milhares de experiências vividas, como se fossem uniformes. O fato é que autores brasileiros se mostram muito sensíveis à variedade de estratos sociais mais próximos ao seu. Mesmo quando se propõe a organizar alguma espécie de painel da vida contemporânea, é comum ver esmiuçadas as minúsculas variações do estilo de vida das classes médias, [...] Trata-se de um problema inerente à própria representação”. (DELCASTAGNÉ, 2002, p. 52).

Esse trecho do texto direciona uma espécie de reflexão em torno das posições ocupadas pelos personagens dos contos selecionados como objeto desse estudo. Funcionários, empregados ou trabalhadores, seja qual for o substantivo recebido, todos estão subjugados pelo processo de exploração de seu trabalho. Expostos às condições insalubres de trabalho, os personagens suscitam debates acerca da esfera humana e, para efetivar esse exercício, selecionei mais um fragmento do conto para que essas problemáticas sejam contempladas:

O supervisor perguntou se a comida não andava boa, se a gente queria mais café no serviço, e eu só dizendo que não, que só queria a conta pra sumir



dali, e 50 Volts repetindo que não era bicho pra trabalhar daquele jeito. O cara de terno botou a mão na cintura e o paletó abriu na frente, apareceu um .38 enfiado na cinta. A serra parou, esse cara do .38 olhou bem pra mim e falou olha aqui, peão, se você quer dinheiro na mão vai receber já, mas vai continuar no batente porque aqui dessa ponte você só sai morto. O engenheiro falou que a companhia tinha uma gratificação pra nós, então era melhor a gente continuar por bem, pra não desmerecer a confiança da Companhia. Aí 50 Volts falou isso mesmo, a gente descansa um pouco e já volta mais animado; mas o cara do .38 achou que era melhor mostrar boa vontade voltando direto pro batente, então joguei um balde d'água na cabeça e voltei. Um eletricitista trabalhar molhado é o mesmo que um bombeiro trabalhar pelado; é pedir pra levar choque — mas era o jeito, era o fim do mundo, era peão que passava cambaleando, tropa de visitantes que passavam perguntando se ia tudo bem, se estava tudo certo, se a gente andava animado; e agora visitante nem andava mais de capacete, faltava pouco pra inauguração. (PELLEGRINI, 2009, p. 340-341).

Temos o ápice do uso da força e da instituição das relações de poder com a ameaça de morte para reconduzir os trabalhadores para o seu posto, porque não importava aos supervisores as reclamações de exaustão dos funcionários, que mencionam em diversos momentos que são homens e não animais para trabalhar daquela forma, mas a única premissa levada em consideração pelas autoridades da construtora seria a finalização e a entrega da obra. Esse debate está relacionado ao contexto exposto em *O arquivo*.

Nesse conto, de forma bem elaborada, temos acesso à história de João, um funcionário que tem sua subjetividade desconsiderada, a começar pelo seu nome: comum no Brasil e grafado em minúscula como marca da ordinariedade desse personagem. A progressão na carreira de João ocorre mediante a dedicação de uma vida inteira. Isso está impresso no conto por aquilo que creio ser bem mais adequado chamar de regressão: o encaminhamento dessa narrativa culmina na metamorfose humana. Uma alegoria da força e do humano propriamente dito, como uma forma de objetificar os seres, como notifico a seguir:

Aos setenta anos, o ordenado equivalia a dois por cento do inicial. O organismo acomodara-se à fome. Uma vez ou outra, saboreava alguma raiz de moradia ou vestimenta. Vivia nos campos, entre árvores refrescantes, cobria-se com os farrapos de um lençol adquirido há muito tempo. O corpo era um monte de rugas sorridentes. Todos os dias, um caminhão anônimo transportava-o ao trabalho. Quando completou quarenta anos de serviço, foi convocado pela chefia:



- Seu João. O senhor acaba de ter seu salário eliminado. Não haverá mais férias. E sua função, a partir de amanhã, será a de limpador de nossos sanitários. (GIUDICE, 2009, p. 383).

A desvalorização é disfarçada de sucessivas promoções. Seu João está cego pela falsa ideia de prestígio e de reconhecimento do esforço de uma vida inteira. Suponho que essa alegoria esteja muito bem estabelecida mediante a máxima da degradação humana em volta do trabalho cada vez mais exacerbado na sociedade. Sobre isso, a leitura de Acácio Luiz Santos (2008) fornece suporte para essa proposição.

O pesquisador investiga as argumentações sobre as possibilidades representativas do processo que ele chama de desumanização naturalizada. Cogito que nos dois contos esse fenômeno seja perceptível, mas tratando do objeto de Santos (2008) temos acesso ao estilo experimental de Victor Giudice. Uma vivência que o leitor pode perceber como aquilo que o pesquisador direciona para um retrato dos “absurdos existenciais”. Segundo Santos (2008, p. 3),

[...] o apagamento do humano significado é tão radical que o nome “João” permanece em minúsculas, mesmo em início de período [...]. A persistência comum aponta destarte para um caso não individual, mas que se abre à compreensão de toda uma gigantesca massa de homens explorados sem consciência disso. Nesse ponto, prossegue a narrativa descrevendo os ajustes do personagem.

Esse procedimento encadeado pelo enredo do conto de Victor Giudice acentua o desenvolvimento desse quadro intensivo de exploração tão comentado. Subentendo que dedicar uma vida inteira num local de trabalho com empenho e com dedicação total aos interesses da corporação funcionaria como um plano de carreira promissor, mas creio estar diante de uma alegoria do capitalismo: a força de trabalho é sugada e revertida em capital que é detido pelos empresários que o manipulam como bem entendem. O título do conto não é dado à toa, o processo de metamorfose, já experienciado em meios literários, marca presença na ficção de Victor Giudice. Vejamos esse trecho emblemático no conto:



O crânio seco comprimiu-se. Do olho amarelado, escorreu um líquido tênue. A boca tremeu, mas nada disse. Sentia-se cansado. Enfim, atingira todos os objetivos. Tentou sorrir:

– Agradeço tudo que fizeram em meu benefício. Mas desejo requerer minha aposentaria. O chefe não compreendeu:

– Mas seu João, logo agora que o senhor está desassalariado? Por quê? Dentro de alguns meses até terá de pagar a taxa inicial para permanecer em nosso quadro. Desprezar tudo isto? Quarenta anos de convívio? O senhor ainda está forte. Que acha?

A emoção impediu qualquer resposta.

João afastou-se. O lábio murcho se estendeu. A pele enrijeceu, ficou lisa. A estatura regrediu. A cabeça se fundiu ao corpo. As formas desumanizaram-se, planas, compactas. Nos lados, havia duas arestas. Tornou-se cinzento.

João transformou-se num arquivo de metal. (GIUDICE, 2009, p. 384).

Ao, finalmente, atingir seus objetivos, o personagem tem um lampejo de consciência diante da cegueira que o atingira: a vontade de descansar, pois já idoso e cansado sua vida sugada pela empresa tem até mesmo a aposentaria negada. O uso das referências a cor cinza remete aos resquícios desse plano de exploração. O personagem João tem sua vida como prova das ruínas ocasionadas pela devastação da empresa em sua subjetividade, sobretudo quando tem que abdicar de suas vontades para servir a corporação. Apontado pelo seu chefe como forte, sua utilidade é revestida – um arquivo. Essa sendo uma forma do enredo provocar em seus leitores o estágio de retirada das características humanas. Concordo com Santos (2008, p. 7) quando o pesquisador afirma que:

O processo agora se conclui com a desumanização final de João, coisificando-se em um arquivo de metal, apto a ser plenamente usado pela empresa como objeto funcional, fora da esfera humanidade. Tornando objeto de uso, ele agora se torna um ser em ato propriamente dito pois com a transformação, torna-se obsoleta a mediação do discurso e das trocas discursivas que o levavam a traduzir semanticamente como normal o ciclo iniciado com sua primeira redução no emprego.

Assim, encaminhando os levantamentos para uma apreensão geral, pontuando que as questões pertinentes aos traços humanos (circunscritos na sua condição) estão materializadas no plano estético. Não considerando essas referências como um reflexo, mas como uma alternativa de assimilação do consumo de nossas vidas por transformações nos mais variados



campos humanos. Por isso, reafirmo que as imagens contidas no mundo podem ser elaboradas diante do fazer literário. O que delega aos críticos, ironicamente, o trabalho, como marca da condição humana para a produção de uma reflexão acerca dessa natureza.

Conclusão

Os contos exploram as questões humanas. O trabalho como elemento diferencial dos seres humanos em relação às outras espécies de seres vivos é alvo de críticas das argumentações da filósofa Hannah Arendt (2010), como exposto ao longo do exame. Cogito a chance de interseção da miséria humana com o fato da movimentação do capital dominar as relações, inclusive a sobrevivência ou o completo consumo das vidas por esse sistema.

Advém desse discurso o fato de o trabalho funcionar como uma via interpretativa para a instauração do desejo de controle de uns indivíduos sobre os outros. Acompanhamos isso ao longo dos episódios historiográficos que reverberam até a contemporaneidade sob a alcunha antitética do povo desenvolvido que subjuga e doutrina os ignorantes para o esclarecimento. As menções aos estudos de Antonio Candido (1989) e de Silviano Santiago (2000) contribuíram nesse sentido.

O que direciona essas reflexões para uma confirmação dos pressupostos sistematizados por Regina Delcastagnè (2002): os problemas circunscritos na literatura brasileira são motivados por questões de ordem social, por mais que não seja possível estabelecer uma solução por meio estético, esse viés é capaz de suscitar debates que ocasionem reflexões proficuas para o âmbito da esfera humana.

Referências

ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense universitária. [1958] 2007.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Uma voz ao sol**: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, v. 20, p. 33-77, 2002. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2214/1773>>. Acesso em: 12 out.



2021.

GIUDICE, Victor. O arquivo. In: MORICONI, Ítalo. **Os cem contos brasileiros do século**. Rio de janeiro: Editora Objetiva, 2009. p. 554-561.

MORICONI, Ítalo. **Os cem contos brasileiros do século**. Rio de janeiro: Editora Objetiva, 2009.

PELLEGRINI, Domingos. A maior ponte do mundo. In: MORICONI, Ítalo. **Os cem contos brasileiros do século**. Rio de janeiro: Editora Objetiva, 2009. p. 334-342.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**: Ensaio sobre dependência cultural. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9-26.

SANTOS, Acácio Luiz. Representação de uma desumanização materializada: uma leitura de “O arquivo”, de Vitor Giudice. *Cadernos de Semiótica Aplicada*. Vol. 6, n.2, p. 1-7, dez., 2008.